

# Qual é a música?

## Uma brincadeira para aulas coletivas de flauta doce

Laís Figueiroa Ivo  
Ilza Zenker Leme Joly



**Which Music is this?: a game for collective recorder classes**

**Resumo:**

O texto discute possibilidades de como a aula de instrumento, nesse caso, a flauta doce, pode ser conduzida de forma lúdica e abrangente, não ficando restrita apenas ao tocar, de maneira que o processo educativo se dê de forma natural e produtiva. O foco do artigo é uma proposta de atividade musical intitulada "Qual é a música?". Embora dirigida aqui para um trabalho em aulas coletivas de flauta doce, ela pode ser desdobrada e adaptada para qualquer contexto de aula de música.

**Palavras-chave:** Ensino de instrumento. Flauta doce. Ensino coletivo.

**Abstract:**

*This article presents possibilities of how an instrument class, in this case, with recorders, can be conducted in a ludic and comprehensive way that is not restricted to playing the instrument, so that the education takes place naturally and productively. The article focuses on a musical activity entitled "What is music?". Although here it involves group recorder lessons, it can be developed and adapted the context of any music class.*

**Keywords:** Teaching musical instruments. Recorder. Group Classes

---

IVO, Laís Figueiroa; JOLY, Ilza Zenker Leme. Qual é a música? Uma brincadeira para aulas coletivas de flauta doce. *Música na Educação Básica*. Londrina, v. 8, nº 9, 2017.



## Vamos brincar?

A aula de instrumento pode, sim, ser divertida e prazerosa, uma grande brincadeira, onde, brincando, alunos, alunas, professores e professoras podem ensinar, aprender e praticar os conhecimentos musicais. É com esse intuito que trazemos a proposta do jogo/brincadeira “Qual é a música?”, destinada originalmente a aulas coletivas de flauta doce, mas que pode ser utilizada também no ensino de outros instrumentos. Mas, antes de começarmos a diversão, vamos refletir um pouco sobre o ensino de instrumentos musicais.

## O ensino de instrumentos musicais segundo Swanwick

Quando pensamos em uma aula de instrumento, em geral, a primeira ideia que vem à nossa mente é a imagem de um aluno, um professor, seus respectivos instrumentos e uma estante de partituras com algum método, todos esses elementos em uma sala. Essa configuração, acompanhada de metodologias que incluem a repetição, a execução de escalas, de exercícios técnicos e de determinado repertório, é o que podemos chamar de modelo tradicional.

Esse modelo vem sendo praticado há bastante tempo e tem sido eficaz para muitas pessoas, levando-as a alcançarem os resultados almejados na aprendizagem dos mais variados instrumentos musicais. Contudo, alguns educadores musicais, como Keith Swanwick (1994), têm pensado em outras metodologias e observado outros pontos relevantes para o ensino instrumental.

Para Swanwick (1994), tocar um instrumento não é apenas coordenar uma série de movimentos, mas também ter o “prazer estético”, poder tomar decisões “musicais” conscientes que resultarão no que ele chama



Foto: Designed by Freepik



de “discurso musical”. Para que alunos e alunas tenham um ensino musical de instrumentos, Swanwick (1994) faz diversas sugestões, entre elas: utilizar-se de diferentes meios para aprender – como o solfejo, a apreciação de outros instrumentistas, apresentações, improvisação –, e não apenas de um único método; criar “esquemas”, “planos de ação”, “imagens mentais” que auxiliem na execução da técnica; tocar o mesmo material (exercícios, músicas) de maneiras diferentes; estudar/tocar em grupo; improvisar e dar prioridade à fluência musical antes da notação.



“[...] o ensino de instrumento deve ser um ensino musical, e não simplesmente uma instrução técnica. Não faz nenhum sentido ensinar música exceto se acreditarmos que esta seja uma forma do discurso humano, e que o aluno iniciante estará sendo iniciado neste discurso desde a primeira aula e não estará apenas conhecendo a ‘pausa de semibreve’. Restringir a análise a um nível técnico superficial, sem uma resposta intuitiva do aluno, não leva a nada” (Swanwick, 1994, [s.p.]).

## O ensino de instrumentos musicais na educação básica

Como vimos, de acordo com a concepção de ensino de instrumentos de Swanwick (1994), essa importante parte da educação musical deve ser considerada de maneira ampla, não se limitando à execução e à técnica. Trazendo essa concepção para os diferentes contextos onde o ensino e a aprendizagem de instrumentos musicais possam estar presentes, acreditamos que a mesma se adequa muito bem ao contexto das escolas regulares.

O ensino de música na educação básica, como muito se vem discutindo, não se

destina à formação de músicos, instrumentistas, cantores, compositores ou maestros, mas à democratização do acesso à linguagem musical (Couto; Santos, 2009, p. 115). No espaço escolar, devemos considerar também a heterogeneidade do público ao qual se dedicará o ensino de música, suas diferentes vivências, experiências e interesses em relação à música para que o trabalho realizado seja significativo.

Segundo Beineke (2003), que também concorda que o ensino de música deve estar presente na educação básica, aprende-se música fazendo música, falando sobre ela, analisando, refletindo, brincando, compondo, mas sempre garantindo que a vivência musical esteja presente em todos os momentos do estudo da música.

“[...] a prática instrumental não é a única maneira de adquirir conhecimento em música e de demonstrar tal conhecimento. A performance que estará presente numa educação musical dentro da escola regular vai além da ideia de virtuosismo instrumental tradicionalmente conhecido. (Couto; Santos, 2009, p. 122).



Como bem apontado por Couto e Santos (2009), a prática de instrumentos não é a única possibilidade para o trabalho com música nas escolas, mas sem dúvida é uma das mais concorridas e desejadas pelos alunos e alunas. Portanto, para os casos em que se faz uso de instrumentos musicais, nos trabalhos com música na educação básica, devemos estar atentos para que este não se torne restrito a poucas possibilidades ou, ainda pior, excludente.

Beineke (2003) alerta para que o ensino de instrumento não se restrinja apenas à atividade de execução, deixando de lado outras atividades mais criativas, como improvisar, criar e apreciar, essas últimas tão importantes para o processo de aprendizagem quanto a performance. A autora ressalta que a criança deve ser parceira ativa nas vivências musicais em sala de aula.





## Para saber mais sobre ensino de música nas escolas:

HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana (Orgs.). *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. *Para fazer música*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ILARI, Beatriz. *Música na infância e na adolescência: um livro para pais, professores e aficionados*. Curitiba: Ibpex, 2009.

## Qual é a música? A brincadeira/atividade

Pensando em possibilidades para o ensino de instrumentos musicais de maneira lúdica e divertida, direcionadas a aulas coletivas, sobretudo no contexto das escolas regulares, trazemos essa proposta de atividade elaborada originalmente para flauta doce. A faixa etária indicada é a que compreende o período do ensino fundamental, porém, novamente ressaltamos que não há restrições quanto à aplicabilidade com outras faixas etárias, outros contextos e/ou outros instrumentos.

Baseado no jogo/brincadeira homônimo, a atividade consiste em, com uma, duas ou mais notas tocadas, o(a) jogador(a) reconhecer a música tocada e dizer o nome. No nosso “Qual é a música?”, os(as) participantes se dividem em dois grupos e cada grupo recebe um conjunto de filipetas, cada uma contendo a partitura de um trecho de uma música. Um grupo toca o trecho escrito em uma das filipetas e o outro grupo deve dizer o nome da música. Em seguida, os grupos devem trocar de função e se alternar entre quem toca e quem responde.

Como podemos ver, a brincadeira é simples e de fácil compreensão. A competição saudável, que naturalmente aflora da mo-

A utilização da brincadeira tira a formalidade da execução de um instrumento, o que permite que os alunos toquem mais descontraídos e se divirtam enquanto aprendem, dando, assim, mais espaço para a fluência.

tivação dos participantes para acertar os nomes das músicas, torna tudo ainda mais divertido. Antes que o entusiasmo tome conta e faça com que, eventualmente, os participantes esqueçam as regras, é importante deixar claro que os trechos das músicas devem ser tocados por completo e só depois o grupo que estiver respondendo pode dizer o nome da música. Outra regra importante para garantir o objetivo principal, que é tocar a flauta doce, é a de que cada participante toque pelo menos um dos trechos recebidos pelo seu grupo.



## Qual é a música? O programa de televisão

“Qual é a Música? foi um programa de competição de auditório da televisão brasileira apresentado por Silvio Santos a partir dos anos 1970. A atração promove no palco uma gincana musical com a presença de três artistas do sexo feminino e três do sexo masculino. Ao longo do programa, ambos os trios têm de mostrar seu conhecimento musical em uma série de provas. Quando eles não sabem a música, quem participa é o auditório, que canta e ainda sai com um prêmio em dinheiro do programa. Como a música é uma das estrelas, o *Qual é a Música?* conta com uma orquestra ao vivo no palco com a presença do coral do SBT e de dubladores.”

Fonte: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Qual\\_%C3%89\\_a\\_M%C3%BAsica%3F](https://pt.wikipedia.org/wiki/Qual_%C3%89_a_M%C3%BAsica%3F)>

Para que a brincadeira funcione, é preciso estar atento a um ponto importante: as músicas selecionadas, que deverão ser tocadas e reconhecidas pelos(as) alunos(as), devem ter critérios de escolha coerentes com o nível de conhecimento dos(as) alunos(as) no instrumento - no caso da flauta doce, escolher músicas que tenham notas que eles/elas já saibam tocar -; o conhecimento das músicas, com repertório que faça parte do universo dos(as) alunos(as). Dependendo da faixa etária, é interessante ter um ou outro desafio, que pode ser uma música menos conhecida ou alguma que o(a) professor(a) queira incluir no repertório para trabalhar posteriormente.



### Para encontrar repertório para a brincadeira:

WEILAND, Renate; SASSE, Ângela; WEICHSELBAUM, Anete. *Sonoridades brasileiras: método para flauta doce soprano*. Curitiba: De Artes - UFPR, 2008.

MARQUES, Francisco et al. *Brasil for children: 30 canções brasileiras para brincar e dançar*. São Paulo: Peirópolis, 2015.

BEINEKE, Viviane; FREITAS, Sergio P. Ribeiro de. *Lenga la lenga: jogos de mãos e corpos*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2006.

BRITO, Teca Alencar de. *De roda em roda: brincando e cantando o Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2013.

HORTÉLIO, Lydia. *Abra a Roda, tin dô lê lê*. São Paulo: Brincante Produções Artísticas (CD).

LOUREIRO, Maristela; TATIT, Ana. *Festas e danças brasileiras*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2016.



Ilustração: Pixabay

## Exemplos de alguns trechos de música

3 Cai, cai, balão (domínio público)

soprano

6 O cravo brigou com a rosa (domínio público)

soprano

9 A canoa virou (domínio público)

soprano

14 Peixe vivo (domínio público)

soprano

19 Meu limão, meu limoeiro (domínio público)

soprano

22 Terezinha de Jesus (domínio público)

soprano

27 Asa branca (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira)

soprano

Se os(as) alunos(as) já utilizarem as flautas soprano e contralto, os trechos podem vir com a indicação de qual flauta devem tocar!



### Para conhecer e ouvir intérpretes da flauta doce:

- **Quinta Essentia Quarteto** - CDs *Lamarca* (2008), *Falando Brasileiro* (2013) e *A Arte da Fuga* (2017).
- **Luciane Cuervo** - CDs *Sonetos de Amor e Morte* (2002), *Octoeólio* (2006 - registro independente) e *A Criança no Mundo da Música* (2001).
- **Orquestra Villa-Lobos** - CDs *O Trenzinho do Caipira* (2002) e *Olhos Coloridos* (2008) e DVD *Orquestra Villa-Lobos Ao Vivo* (2013).





## E a brincadeira continua... outras formas de se divertir



### Versões atuais do jogo

Atualmente, é possível brincar de *Qual é a música?* através de jogos on-line e aplicativos para *smartphones*. É o caso do aplicativo de mesmo nome do programa de televisão que originou a brincadeira e do *Song Pop*, por exemplo. Outra versão moderna do jogo surgiu com a utilização do aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*. Com uma combinação de *emojis* (imagens que expressam uma palavra ou ideia), os usuários expressam nomes ou refrões de músicas famosas e enviam a seus contatos, para que identifiquem qual é a música.



Além da forma que descrevemos anteriormente, o “Qual é a música?” pode ter variações que possibilitem novas diversões e aprendizagens. A brincadeira original e suas variações podem ser utilizadas isoladamente, em sequência ou alternadas em diferentes aulas. O que vai determinar a forma a ser utilizada é o perfil de cada grupo, cabendo, assim, ao(a) professor(a) avaliar qual é a melhor maneira.

Nessa primeira variação que sugerimos entra a criação musical. A divisão da turma em dois grupos permanece igual, mas dessa vez os grupos deverão criar pequenas melodias e tocá-las para o grupo adversário, que deverá reproduzi-las. As regras para a criação das melodias ficará a critério do(a) professor(a), que novamente deve considerar o perfil da sua turma.

Nesse momento, é interessante que os alunos sejam estimulados a trabalharem juntos, de forma que todos participem de ao menos um dos momentos, seja na sugestão de ideias para a criação da melodia, na experimentação das mesmas ou na sua execução para o grupo adversário.

A segunda variação sugerida é destinada aos alunos que não possuem o conhecimento da leitura da notação musical, o que impediria a utilização da brincadeira, na primeira versão apresentada, por turmas com esse perfil. Nessa variação, cada um dos dois grupos deve receber cartões com sequências de notas, escritas por extenso (Lá Dó Sol Mi). O grupo adversário deve identificar e reproduzir as notas tocadas na mesma sequência.



**Para as turmas que estiverem no início do trabalho com a flauta doce e que possam apresentar dificuldades no reconhecimento das notas, pode ser feita a seguinte adaptação:** confeccionar um par de cartões para cada sequência de notas e entregar uma unidade de cada par para cada grupo, de forma que os dois grupos tenham as mesmas sequências. Assim, quando um dos grupos tocar uma sequência de notas, o outro grupo poderá contar com a ajuda da leitura dos cartões, além da percepção auditiva, para identificar qual foi a sequência tocada.



## O que podemos trabalhar com esse jogo: modelo C(L)A(S)P

Além de ensinar música de forma divertida e de motivar os alunos, o jogo/brincadeira “Qual é a música?” pode ser utilizado para ensinar conceitos, técnica do instrumento, treinar a percepção, desenvolver a atitude necessária à apreciação musical, desenvolver ou treinar a leitura da notação musical, entre outros conteúdos.

França e Swanwick (2002) trazem a ideia de educação musical abrangente, que está baseada no modelo criado por Swanwick (1979), intitulado C(L)A(S)P, que compreende as atividades que o autor considera essenciais para uma aula de música. Resumidamente, o referido modelo considera como principais as atividades de composição, apreciação e performance, que devem estar amparadas por atividades de técnica e sobre música (leituras, por exemplo).



### Significado da sigla do modelo criado por Keith Swanwick (1979)

(**C**omposition) composição  
 (**L**iterature studies) estudos acadêmicos  
 (**A**ppreciation) apreciação  
 (**S**kill acquisition) aquisição de habilidades  
**P**erformance

Segundo França e Swanwick (2002), atividades que contemplem os cinco parâmetros do modelo C(L)A(S)P devem estar presentes no processo de educação musical, mas não necessariamente todos eles precisam fazer parte de todas as aulas. No entanto, na atividade “Qual é a música?” temos a possibilidade de ter contato com cada um dos parâmetros do modelo, podendo aprofundar em um ou mais, conforme as necessidades, demandas e interesses do grupo com o qual se estiver trabalhando.



### Os cinco parâmetros do modelo C(L)A(S)P estão presentes na atividade “Qual é a música?” da seguinte forma:

- **Compor, criar** – Na variação da atividade, quando os participantes criam as frases que devem ser reproduzidas pelo grupo adversário.
- **Apreciar** – Ao ouvir os trechos ou melodias tocadas, para identificá-las.
- **Performance** – Ao tocar as melodias que deverão ser reconhecidas.
- **Técnica** – É necessário ter o conhecimento da técnica e já saber tocar algumas notas.
- **Estudos acadêmicos** – As músicas que fizeram parte da brincadeira podem ser posteriormente trabalhadas pelo professor em outros aspectos, como falar sobre o compositor, o estilo, a época etc.





## Objetivos

O(A) professor(a) pode eleger um ou mais parâmetros, citados anteriormente, como objetivos para a brincadeira proposta e, assim, dar mais ênfase em determinado(s) aspecto(s) da mesma. Ou, ainda, pode atentar em cada um deles, desenvolvendo as habilidades e conhecimentos que possibilitam. Por exemplo: no momento de tocar, corrigir/ensinar aspectos da técnica, da interpretação e da fluência musical; no momento de ouvir, ressaltar a importância de manter uma escuta atenta; no momento de criar, estimular e ajudar os alunos a utilizarem os conhecimentos que já possuem; falar sobre as músicas tocadas durante a brincadeira, seus compositores, estilos e outras informações pertinentes.

Outro objetivo bastante pertinente para essa brincadeira é a apresentação de repertório novo. Entre os trechos de músicas tocados, pode ser inserido o trecho de alguma que se queira apresentar e trabalhar com os alunos. Ouvir a música no contexto da brincadeira pode despertar o interesse deles para que conheçam mais sobre ela e assim aprenderem com mais entusiasmo.



### Objetivos: o que pode ser trabalhado com essa atividade

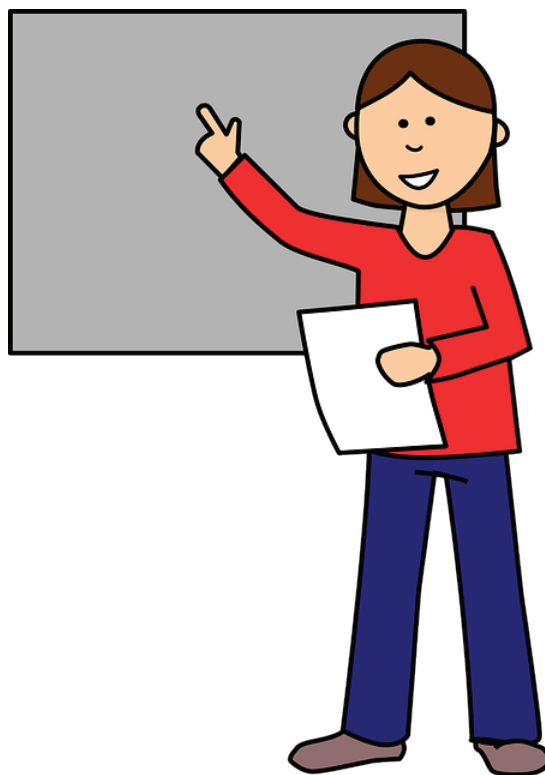
- **Técnica** – Notas, respiração, postura, articulação.
- **Percepção** – Reconhecimento de notas ou melodias.
- **Leitura** – Tocar a melodia escrita na partitura.
- **Repertório** – Apresentar repertório novo.
- **Criação** – Criar pequenas melodias.



## O que aprendemos brincando

Através de uma brincadeira simples, porém estimulante, divertida e motivadora, podemos trabalhar diversos aspectos do ensino de instrumentos musicais, sobretudo no contexto de aulas coletivas, que se aplicam à realidade das aulas de música nas escolas regulares. A atividade foi originalmente pensada para o trabalho com flautas doces, instrumento musical muito presente no espaço escolar, mas não se restringe apenas a esse instrumento, podendo perfeitamente ser utilizada por classes de outros instrumentos.

Beineke (2011) afirma que as crianças não precisam saber por que estão brincando e o que estão aprendendo enquanto fazem as brincadeiras. Essa tarefa é do professor! O professor, diz a autora, precisa ter consciência da importância de cada gesto das brincadeiras propostas, e é ele que desenha os objetivos das aprendizagens e conduz seu aluno, de maneira gradativa, à construção de uma autonomia do conhecimento musical. É importante que todos brinquem juntos e é fundamental que o professor goste dessa brincadeira e se encante com ela tanto quanto os alunos.



### Outras propostas de atividades com flauta doce:

BEINEKE, Viviane; VEBER, Andreia. Variações sobre um passeio no parque. *Música na educação básica*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, set. 2010.

CUERVO, Luciane; PEDRINI, Juliana. Flautando e Criando: reflexões e experiências sobre criatividade na aula de música. *Música na educação básica*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, set. 2010.

CUERVO, Luciane; MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. Musicalidade na performance: uma investigação entre estudantes de instrumento. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 21, p. 35-43, mar. 2009.

SANTOS, Luciana Aparecida Schmidt dos; JUNIOR, Miguel Pereira dos Santos. Flauta doce como instrumento artístico: uma experiência em sala de aula. *Música na Educação Básica*, Londrina, v. 4, n. 4, nov. 2012.

WEILAND, Renate Lizana; VALENTE, Tâmara da Silveira. Aspectos figurativos e operativos da aprendizagem musical de crianças e pré-adolescentes, por meio do ensino de flauta doce. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 17, p. 49-57, set. 2007.



## Autoras



**Laís Figueiroa Ivo**

lais.figueiroa@yahoo.com.br

Mestra em Educação e educadora musical pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e professora de musicalização na educação infantil. Atua como pesquisadora com interesse na formação de professores, ensino de instrumento – flauta doce e práticas musicais coletivas. Participa de grupo de estudo e performance em flauta doce na UFSCar.



**Ilza Zenker Leme**

**Joly**

ilzazenker@gmail.com

Doutora em Educação, mestra em Educação Especial e especialista em Musicoterapia. Professora orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar na linha de Práticas Sociais e Processos Educativos. É uma das fundadoras do Curso de Licenciatura em Música da UFSCar e fundadora da Orquestra Experimental da UFSCar.



## Referências

BEINEKE, Viviane. O ensino de flauta doce na educação fundamental. In: HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana (Orgs.). *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003.

\_\_\_\_\_. Música, jogo e poesia na educação musical escolar. *Música na educação básica*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 8-27, 2011.

COUTO, Ana Carolina Nunes; SANTOS, Israel Rodrigues Souza. Por que vamos ensinar Música na escola? Reflexões sobre conceitos, funções e valores da Educação Musical Escolar. *Opus*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 110-125, jun. 2009.

FRANÇA, Cecília Cavaliere; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em Pauta*, v. 13, n. 21, p. 5-41, dez. 2002.

SWANWICK, Keith. *A Basis for Music Education*. London: Routledge, 1979.

\_\_\_\_\_. Ensino instrumental enquanto ensino de música. *Cadernos de Estudo: Educação Musical, Atravez*, São Paulo, n. 4/5, 1994.

